

O SABER MÁGICO-FILOSÓFICO DE EMPÉDOCLES DE ACRAGAS NA ATENAS CLÁSSICA

Maria Regina Candido*

Abstract

The passage from life to death is a spiritual mystery, a biological event that has been drawn the attention of poets, doctors and magicians. Life often has been viewed as a journey, the river of time carrying to the unknown country named death.

Keywords: Athens Classical; Death; Magic.

Resumo

A passagem da vida para a morte é um mistério espiritual, um evento biológico que tem despertado atenção dos poetas, médicos e mágicos. Frequentemente, a vida tem sido vista como uma jornada, o rio do tempo levando a uma região desconhecida chamada morte.

Palavras-chave: Atenas Clássica; Morte; Magia.

Os meios de comunicação tem-nos apresentado um cotidiano no qual “a morte tornou-se um espetáculo” exposto nos filmes, em noticiários e nos jogos eletrônicos. Diante desta constatação, nos deparamos com a desafiadora ambigüidade dos dias atuais: de um lado, a medicina, com suas fórmulas complexas, conquista acentuados avanços nas curas de doenças e retarda o envelhecimento; do outro lado, a violência e a intolerância subtraem do indivíduo a existência.

Através deste artigo, pretendemos estabelecer uma pausa para refletir o conceito de VIDA e MORTE na pós-modernidade e buscar os seus fun-

* Professora adjunta de História Antiga do Departamento de História da Uerj, do Programa de Pós-graduação em História da Uerj e do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade/Uerj.

damentos no mundo antigo. Afirmamos, inclusive, serem esses os únicos temas que circulam entre os místicos, médicos e poetas. A consciência da morte está relacionada à vida em sociedade humanamente organizada

Na história do pensamento filosófico antigo, o tema vida, morte e envelhecimento despertou a atenção dos gregos, como nos indicam os fragmentos de Empédocles de Acragas que, no V século, afirmava ter o domínio de remédios – *pharmaka* – que atuavam contra os males que afligiam o corpo e que protegiam os humanos contra a velhice. (Frag.111)

Essa afirmação de Empédocles tem sido tema de debate entre os pesquisadores e causado assombro junto aos *scholiars* do filósofo. A inquietação se deve à presença da palavra *pharmaka*, que, em grego, pode ser entendida como a preparação de remédios à base de ervas para fins medicinais da cura, assim como mantém uma acentuada conotação de uso de folhas e raízes na produção de filtros amorosos – *philtroi katadesmoi* – e encantamentos mágicos – *epoda* – praticados por indivíduos envolvidos com procedimentos mágicos.

Empédocles deixa transparecer que atuava como um *pharmakeus* que seguia o caminho inverso dos hipocráticos, ao interagir a cura de doenças com os procedimentos místicos, palavras de encantamentos com auxílio das ervas, resultando na elaboração de um *saber mágico-filosófico* cujos princípios podem ser cotejados na sua obra **Purificações**. Consideramos que o conhecimento preciso no uso de ervas e raízes não deixa de ser um saber científico diante da necessidade de domínio no controle da mistura e da dosagem adequada a serem ministradas no indivíduo doente de forma a não provocar a sua morte. Entre os gregos, o domínio desses saberes foi atribuído aos *physikoi* detentores do conhecimento sobre os fenômenos da natureza. Eles detinham o conhecimento e inventário sobre as ervas e plantas, as propriedades dos metais e a constituição física dos seres vivos.

O acervo de dados, proveniente da observação, parece ter interagido com diferentes áreas de saber e, entre elas, as práticas da magia. O resultado nos permite afirmar que o termo *physikoi* estabeleceu uma aproximação com a atividade do *pharmakeus* e tornou-se sinônimo de *magus*, indivíduo que detinha o domínio no uso das ervas associado às palavras e encantamentos mágicos. Heródoto (I:101) nos informa que a palavra *magus* está relacionada aos antigos sacerdotes persas identificados como *medos*. For-

mavam seitas secretas, detinham o domínio nas práticas mágicas e estabeleciam contatos com as potências sobrenaturais (Heródoto. VII:43). O que nos leva a afirmar que o poeta Eurípides, ao compor a poesia trágica intitulada **Medéia**, sabia que o nome da sacerdotisa de Hécate trazia à memória dos atenienses as práticas mágicas dos sacerdotes persas conhecidos como *medos*.

Ésquilo traz à memória dos atenienses, na tragédia **Persas**, de 472 a.C., o domínio dos *medos* nas práticas mágicas de contatos com seres sobrenaturais através do ritual de *psychagogos* – evocação dos mortos. Cinquenta anos depois, Eurípides nos apresenta à protagonista Medéia, cujo nome nós acreditamos derivar da palavra *medos*; o poeta a coloca como *mulher de feroz caráter e hedionda natureza* (Eurípides, **Medéia**: v.100), pelo fato de usar o seu conhecimento mágico das ervas, ação que a definia como *pharmakides*, acrescido do uso de encantamentos – *epodai* –, para realizar a sua vontade, entre ela, efetivar a vingança contra os seus inimigos.

Podemos observar que a palavra *pharmaka* está associada a um acentuado número de palavras gregas que identificam as práticas da magia, a saber:

- *epodos* – aquele que usa de palavras que encantam através de procedimentos mágicos;
- *goetes* – aquele que usa a magia para prejudicar o inimigo; serve também como adjetivo pejorativo – aquele que usa a prática do engodo, da ilusão;
- *magus* – aquele especialista em rituais de magia relacionados aos rituais fúnebres;
- *pharmakeus* – aquele que domina o uso de ervas, folhas e raízes no preparo de porções e filtros mágicos;
- *psychagogos* – aquele que evoca a alma do morto para obter informações;
- *nekuomanteios* – aquele que evoca a alma do morto e manipula o seu corpo na sepultura, visando fazê-lo atender a determinadas solicitações do usuário da magia;
- *katadeo* – ato de fixar o nome do inimigo junto aos mortos no mundo subterrâneo.

A diversidade de palavras que identificam as práticas da magia se deve a diferentes significados em relação aos quais temos dificuldade de encontrar os termos equivalentes em nosso idioma. Entretanto, a variedade de palavras nos permite afirmar que as atividades relacionadas às práticas da magia proveniente do uso de ervas, folhas e raízes eram eminentemente de domínio masculino. O saber mágico associados às ervas somente estendeu-se às mulheres no início do século IV a.C.

Alguns pesquisadores, como Madeleine Jost, consideram que o domínio das ervas e raízes pertence ao universo feminino (JOST, 1992, p. 277) devido à proximidade das mulheres na elaboração de alimentos. A historiadora tem por suporte de informação a documentação proveniente da poesia épica, clássica e helenística, que colocam as mulheres míticas como Circe, Calipso, Medéia e Samantha como especialistas, detentoras de domínio no *saber* usar as ervas como veneno – *pharmakon allo* – ou remédio – *pharmakon olomenon*.

A posse de tais saberes definiu as mulheres míticas como detentoras de um conhecimento específico que as colocavam à margem da sociedade dos homens. Eram mulheres consideradas perigosas, arditosas, por serem de natureza oculta, misteriosa, e donas de um saber que prejudicava os homens. Entretanto, nos interessa apreendermos indícios do uso de procedimentos mágicos das ervas e raízes entre as mulheres mortais.

A documentação textual proveniente dos oradores áticos nos indica que o saber mágico das ervas estendeu-se às mulheres mortais no início do século IV a.C., como nos indica o processo impetrado contra a *hetaira* *Frinéia de Thespis*, a sacerdotisa *Theoris de Lemnos*, e *pharmakides Ninos*; todas formam um conjunto de mulheres estrangeiras que cultuavam divindades recentes e pouco conhecidas junto aos atenienses. Essas mulheres atuavam como *hetairas* e disponibilizavam os seus conhecimentos sobre as ervas e raízes visando atender aos problemas de saúde feminina. Por exemplo, o efeito de folhas da família das *mentas* era muito útil para os problemas menstruais; as dores de varizes eram amenizadas com fricção de folhas de hera; a cebola selvagem e o alho triturados com óleo e vinho eram eficazes para conter sangramentos e secreção vaginal; a erva artemísia atuava na solução de problemas de ovário; plantas como a *belladonna* podiam ser usadas como calmante, mas, em porções concentradas, tornavam-se abortivas; e as ervas da família do *opium* eram eficazes como analgésicos

para as mulheres em trabalho de parto (GRMEK, 1991, *passim*). A documentação proveniente dos oradores áticos deixa transparecer que as especialistas nas *pharmaka* circulavam entre a *agorá* de Atenas e o Pireu, oferecendo, por vezes, os prazeres do corpo, os seus conhecimentos mágicos de encantamentos e filtros amorosos a quem tivesse recursos para pagar.

Tornou-se interessante constatar a presença de mulheres que circulavam em Atenas como praticantes da magia das ervas e raízes no início do século IV a.C., pois nos auxilia a compreender o *saber mágico filosófico* de Empédocles de Acragas (480 – 435 a.C.) no período clássico, ao atuar como *pharmakeus* e *epodos*. O *physikos* menciona no fragmento 112 que “...pessoas me procuram e pedem para ouvir as palavras que curam todo tipo de doenças que aflige o corpo (KIRK, frg399, frag. 112; LAÉRCIO VIII:62). Ao citar que *palavras curam* e mencionar as *doenças do corpo*, imaginamos a execução de rituais de magia e encantamentos associados ao uso de ervas e raízes visando a aplacar as dores do corpo de indivíduos enfermos, acalmar a mente dos perseguidos pelas *Erínias* e purificar a alma dos iniciados.

A variedade de palavras que identificam os procedimentos mágicos nos indica a presença de especialização visando fomentar um resultado eficaz. O domínio no uso das ervas e raízes no final do século V a.C. seria um saber comum aos homens e mulheres iniciados nos procedimentos mágicos. Havia regras e preceitos que definiam os cuidados com o corpo através do ritual de purificação, e, em relação às ervas e raízes, o tratamento ia desde a colheita feita antes do sol nascer até ao seu cozimento executado com total concentração.

Nesse mesmo fragmento intitulado **Purificações**, Empédocles deixa transparecer que era um homem iniciado no culto de mistérios pitagóricos, ao citar ser de natureza divina e imortal, afastando a conotação de ser um homem comum. A citação do *physikos* é semelhante às inscrições das lâminas de ouro da região de Túrio, a saber: “*Oh! Feliz e bem-aventurados, tu serás um deus em vez de um mortal*” (IG II, XIV:641; DK I B 18). A inscrição da lâmina remete à possibilidade de o homem atingir a imortalidade através de rituais de purificação nos quais se incluíam os cuidados com o corpo e o controle da mente. A regra consistia em banhar-se, permanecer em jejum com total abstinência sexual e manter a economia de palavras através do silêncio. O ritual prescrevia também o uso de ervas e raízes que induziam

ao transe, visando estabelecer contato com as potências sobrenaturais. Empédocles deixa transparecer que seguia o ritual de purificação efetuado pelos seguidores pitagóricos, ao adotar, inclusive, o estilo de vida deles, como nos aponta a seguinte citação: “(...) *como um deus imortal circulava honrado por entre todos os demais mortais como convém, coroado de fitas e grinaldas (...)*” (Frag. 112; DIÓGENES DE LAÉRCIO, VIII,62:1-10).

O *pharmekeus* insere em seu discurso o que considera como alternativa mais adequada em relação às oferendas aos deuses: a oferta de piedosas imagens com perfumes de variadas fragrâncias e sacrifícios feitos de mirra e incenso, derramando no solos a água, o vinho e o mel. Empédocles condena, assim como os pitagóricos, as práticas ritualísticas de sacrifícios sangrentos, que inundavam o altar de sangue proveniente de matanças de animais, cujas carnes, ao final do rito, eram consumidas pelos participantes da comensalidade dos banquetes.

Analisando os termos referentes à magia, a variedade de palavras nos induz à suposição da existência da demarcação de fronteira, pela qual determinadas práticas mágicas somente poderiam ser exercidas pelos homens. Analisando a documentação disponível sobre o tema, percebemos a presença feminina no domínio das ervas, mas fica evidente a total ausência da participação das mulheres nos rituais de contato com os mortos, como a *katábasis* e a prática da *psychagogos*. A documentação mais recuada sobre *evocação dos mortos* pode ser encontrada em Homero, ao narrar as instruções ofertadas pela feiticeira Circe ao herói Odisseu, que deveria cavar um fosso – *bothros* – e efetuar libações aos mortos usando da mistura de mel e leite – *melikraton* –, acompanhada de vinho, água e grãos de cevada. Após as preces, ele deveria executar o sacrifício de sangue de animal estéril, como deixa transparecer o ritual de *psychagogos*, que tinha por objetivo evocar a alma do velho Tirésia; como podemos observar o ato foi executado por Odisseu sem a presença da feiticeira Circe.

Outra informação que ratifica a nossa informação está, como já citada anteriormente, na obra **Persas**, do poeta Ésquilo, representada no período clássico, que expõe na dramaturgia os *magi*, anciãos persas, auxiliando no ritual de evocação da alma do rei Dario diante da rainha Atossa (**Persas**, v.680). Podemos afirmar que os antigos profissionais na prática da *psychagogos* eram especialistas gregos pertencentes ao gênero masculino.

O ritual de *evocação dos mortos* foi reapresentado no drama satírico **Alceste**, a esposa de Admeto, o rei da Tessália, na qual o poeta Eurípides coloca a protagonista sendo resgatada do *mundo dos mortos* pelo herói Heracles, hospede da casa real, que faz questão de ratificar que não atuava como um *psychagogos*. Empédocles ratifica a existência do ritual ao citar que “(...) *do Hades há de trazer o vigor de um homem morto (...)*” indicando a crença em sua capacidade de abrir o portão do Hades e estabelecer contato com o mundo dos mortos e, em seguida, retornar ao mundo dos vivos sem o perigo de cometer a *hybris* e trazer o *miasma*. Acreditamos que o estilo de vida pitagórico do *pharmakeus* o habilitou à prática da *katábasis*, atividade ritualizada para estabelecer contato com os mortos semelhante ao ritual do *psychagogos*.

Entretanto, a ênfase de Heracles em não ser confundido com um *psychagogos*, entendida como evocação aos mortos de acordo com o que prescrevia a tradição homérica, nos indica que Eurípides traz à memória dos atenienses os diferentes ritos de contato com os mortos. O poeta nos alerta sobre a prática da *psychagogos* que no período clássico parece ter adquirido conotações negativas, semelhantes às práticas mágicas executadas no Cemitério do *Kerameikos* identificada como *katádeo*. O termo *psychagogos* estava adquirindo uma aproximação com as práticas mágicas que visavam prejudicar o inimigo, através do ritual dos *defixiones* ou *katádesmoi*, que consistia em escrever o nome do adversário em finas lâminas de chumbo que, em seguida, eram depositadas em sepulturas de indivíduos vítimas de morte violenta e de jovens que morreram antes do tempo, como no caso de Alceste.

Acreditamos que o retorno de Alceste do mundo dos mortos seja uma forma de o poeta evitar que o corpo da esposa de Admeto fosse vítima de práticas mágicas. Eurípides usa o espaço do palco para efetuar a denúncia dos usuários da magia que violam as sepulturas visando à evocação da alma de determinados mortos que morreram antes do tempo, tais como crianças, jovens vítimas de partos, suicidas e vítimas de assassinatos.

Essa especialidade de práticas mágicas que circulavam no período clássico em Atenas foi condenada também por Platão e Aristófanes (**Aves**, 1553a). Identificamos a prática da *nekromancia*, atividade ritualizada de evocação da alma de determinados mortos, como as vítimas de morte violenta – *biathanatos* –, trazendo-os de volta à superfície – *anagein nekron* –

visando atender e executar a solicitação do usuário da magia. Platão refere-se aos praticantes da *nekromancia* como homens de má índole – *banausos* –, por induzirem os incautos a acreditar na capacidade de um ser mortal executar os procedimentos mágicos para prejudicar ou matar os inimigos (Lei 909b).

O ritual do *psychagogos* entra em degradação no período clássico, pois está sempre associado ao termo *goetes*, que, segundo Aristófanes e Platão, apresenta conotação negativa por indicar a prática de feitiçaria e impreciação vendidas às portas dos ricos (República, 364b). Acrescentamos que, no período do *pharmakeus*, Empédocles de Agracas e de acordo com a documentação dos oradores, a diversidade de termos e práticas mágicas que circulavam em Atenas resultou em processos judiciais nos quais algumas *hetairas* como Frinéia de Thespiis, Ninos e Theoris de Lemnos, entre outras, foram arroladas, chegando, por vezes, a serem condenadas à morte.

Demarcamos a existência de diferenças entre a *katábasis* e o ritual de *nekromancia*. A preparação da *katábasis* contava com o uso do *pharmakos*, ervas e raízes que provocavam o êxtase, o *entusiasmo*, o delírio, produzindo um estado de transe e da sensação de a alma desprender-se do corpo e vagar pelo *kosmos* e pelo mundo dos mortos. O domínio deste saber conferia ao seu possuidor o atributo da imortalidade e através desta experiência Empédocles construía a visão de suas encarnações anteriores ao mencionar que “(...) *um dia havia sido rapaz e rapariga, arbusto, aves e peixe que aos saltos se desloca* (...)” (Frag.117; KIRK, frag.417).

Transe permitia criar a visão do Hades na qual Empédocles cita: “(...) *chorei e gemi ao avistar o lugar desconhecido, onde o Homicídio e a Cólera e as tribos de outros mortos (...) vagueiam na escuridão pelo prado da Fatalidade* (...)” (Frag.118; KIRK, frag.402). A citação nos remete ao ritual da *katábasis* presente na comédia *Rãs*, de Aristófanes, em 405 a.C., quando descreve a visão de parte do Hades como um lugar de sofrimento no qual estão submersos todos aqueles que faltavam com a palavra (*Rãs*, v.150).

No universo das práticas mágicas entre os gregos, reafirmamos a demarcação de fronteiras étnicas e de gêneros entre a posse e o exercício do saber específico. A documentação nos expõe mulheres estrangeiras como as praticantes da magia das ervas e raízes na produção de filtros amorosos e unguentos afrodisíacos. Algumas detinham o domínio da evocação dos

mortos através da prática da *nekromancia*, como nos deixa transparecer o processo contra Frinéia de Thespis. Porém, somente os homens em estado de purificação estavam capacitados a entrar em contato com o mundo das potências sobrenaturais e transitar no mundo dos mortos através do ritual da *katábasis* e da *psychagogos*. As mulheres devido ao *miasma* proveniente de sua natureza feminina seriam naturalmente excluídas de tais práticas ritualísticas.

Concluimos este breve artigo afirmando que o uso do *pharmakon* transitou pelos *physikoi*, formulou um pensamento mágico filosófico e definiu um estilo de vida junto aos seguidores de Empédocles de Agracas. Consideramos que a difusão de saber produzido pelo *pharmakeus* adquiriu diferentes utilidades, como nos indica a diversidade de termos que definem as práticas da magia e de encantamentos. A definição exata das palavras relacionadas ao seu significado perdeu-se na atualidade, sendo necessário cotejar o termo junto à documentação textual. O resultado parcial ao qual chegamos indica que a posse do domínio e do saber desenvolvido pelos *magi gregos* definiu a demarcação de fronteiras entre homens e mulheres, ao estabelecer quais práticas mágicas poderiam ser estendidas às mulheres iniciadas em rituais que transitavam entre a Vida e a Morte no exercício da magia no início do IV a.C.

Bibliografia

- AUGÉ, M. **Génie du paganisme**. Paris: Gallimard, 1982.
- AUGÉ, M. **O sentido dos outros: atualidade da antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AUGÉ, M. *et alii*. **La Grece pour penser l'avenir**. Paris: Harmattan, 2000.
- BERNARD, A. **Sorciers Grecs**. Paris: Fayard, 1991.
- BETZ, H. D. **The Magical Papyri in Translation**. Chicago: University Chicago Press, 1992.
- BURKERT, W. **Homo Necans: the anthropology of Ancient Greek**. Berkley: California Press, 1983.
- CANDIDO, M. R. **Katádesmos: a magia entre os atenienses do V-III a.C.** Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, tese de doutorado defendida em 2001 - circulação restrita

- CANDIDO, M. R. **A Feitiçaria na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004.
- CATLEDGE, P. **The Greeks: a portrait of self and others**. New York: Oxford Press, 1993.
- DURAND, J.-L. **Sacrifice et Labour en Grece Ancienne: ensai d'Anthropologie religieuse**. Rome: EFR, 1986.
- FERRAZ, T. S. **Direito, Retórica e Comunicação**. São Paulo: Saraiva, 1997.
- FESTUGIERE, A. J. **La vie spirituelle en Grece à l'époque hellenistique**. Paris: Picard, 1980.
- FLINT, V. **Witchcraft and Magic in Europe**. London: The Athlone Press, 1999.
- FREYBURGER, G. **Sectes Religieuses en Grece et a Rome**. Paris: Belles Lettres, 1986.
- GAGER, J. G. **Curse Tablet and Binding Spells from the Ancient World**. New York: Oxford University Press, 1999.
- JIMENO, A. L. Zu Einer Fluchtafel vom Athener Kerameikos. **ZPE** 91, 1992.
- LUCK, G. **Arcana Mundi: magia y ciencias ocultas en el mundo griego y romano**. Madrid: Gredos, 1995.
- MEYER, M. **Ancient Magic and Ritual Power**. Boston: Brill Academic Publishers, 2001.
- OGDEN, D. **Magic, Witchcraft and Ghosts in the Greek and Roman World**. New York: Oxford Press, 2002.
- PEEK, W. **Inschriften Ostraka Fluchtafeln**. Berlin: Walter de Gruyter, 1941.